

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

A História da Escola de Enfermagem Carlos

Chagas

IRMÃ CATARINA FIUZA

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços biográficos

IRMÃ CATARINA FIUZA

Nasceu em Fortaleza em 1910. Entrou para o noviciado em 1929 na cidade do Rio de Janeiro. Coursou enfermagem, por ordem da Congregação, na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) durante a gestão de Laís Netto Reys. Sua permanência na EECC foi de 1937 a 1939 como aluna e de 1953 a 1957 com diretora.

Foi uma das primeiras professoras da Escola de enfermagem Luiza de Marillac no Rio de Janeiro ministrando aulas de Técnica de Enfermagem e História da enfermagem. Trabalhou no hospital infantil da Cruz Vermelha em São Paulo. Retornou a Belo Horizonte em 1953 para dirigir a EECC, em substituição à irmã Villac. Refere-se a esse período como tranquilo com escola bem organizada e recebendo alunas com melhor formação.

Sempre pronta a atender às obrigações da ordem religiosa, trabalhou como enfermeira em vários estados do país.

Teve um acidente de carro em 1958 o que a fez retornar ao Rio de Janeiro. Guarda boas recordações da EECC a qual considera como sua querida escola..

SUMÁRIO

LADO A

Referência à sua origem; influência da congregação na escolha do curso de enfermagem; dirigentes da escola; estágios; plantões hospitalares e junto à comunidade; relacionamento da EECC com Hugo Werneck; a direção de dona Laís Netto Reys; o preparo de Waleska Paixão; as festas no internato; o trabalho na escola Luíza de Marillac; o trabalho em diversos hospitais; a volta a Belo Horizonte; a sua nomeação como diretora da EECC; as condições de funcionamento da escola; greve das estudantes; relacionamento com as alunas e a faculdade de medicina; o revezamento das freiras no internato para controle da disciplina; a visita de Jojoca à escola Luíza de Marillac; o trabalho do enfermeiro; a solenidade de imposição de insígnias; o uniforme como credencial para o profissional; a construção do prédio da EECC; a formação das alunas que faziam o curso de enfermagem; a congregação e a direção dos hospitais; substituição da direção da escola Luíza de Marillac; viagem à França em 1950; a segunda guerra mundial; revolução de 64; a saída da sua congregação da escola Luíza de Marillac; o Congresso Eucarístico.

LADO B

O acidente de carro sofrido por ela e pela amiga irmã Teresa; o trabalho com auxiliar de noviças; o seu gênio alegre; a camaradagem com as colegas; o seu envolvimento com a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn); a congregação e a imposição na escolha a profissão; a mudança de mentalidade da congregação; o trabalho da irmã Clarízia como psicóloga e como diretora da EECC; as boas recordações da sua escola querida.

LADO A

Geralda : O nome da senhora completo?

Irmã Fiuza: Maria Candida Menescal Fiuza.

G.: A senhora nasceu, foi quando irmã?

Ir.F.: Em 1910, não tenho mais quinze anos. [risos]

G.: Fala par gente um pouco da vida da senhora antes da senhora fazer enfermagem.

Ir.F.: Bom, sempre foi no noviciado, eu sai do noviciado, trabalhava no noviciado e sai daqui para fazer enfermagem, completamente o oposto ao começo da minha vida.

G.: A senhora nasceu onde?

Ir.F.: Em Fortaleza -CE

G.: Em fortaleza, é...onde a senhora foi fazer o noviciado, em que época que foi ,onde foi?

Ir.F.: Aqui no Rio, em 1929.

G.: Qual que foi a opção da senhora para entrar para o noviciado? Quem influenciou a senhora?

Ir.F.: Só Deus (risos), mais ninguém (risos).

G.: E a enfermagem quem influenciou?

Ir.F.: A enfermagem, foi a obediência que me mandou (inaudível).

Valda: A congregação é que indicou a senhora para fazer o curso?

Ir.F.: Foi escolhida.

V.: Quem mais foi escolhida na época?

Ir.F.: Na época, irmã Bruna, irmã Júnia, (ir. Júnia já faleceu), ir. Júlia; ir. Couto, que também já faleceu; a Júlia tá viva ainda, mais tá muito ruinzinha.

V.: Inaudível.

Ir.F.: E, está em Curvelo, se não me engano as três da turma da Waleska Paixão, não me lembro mais das outras.

G.: A senhora fez enfermagem onde?

Ir.F.: Belo Horizonte na Carlos Chagas.

G.: Foi em que ano que foi?

Ir.F.: Terminei em 39, [pausa] a Dona Laís, diretora da escola, Laís Netto Reys.(pausa)

G.: É...depois da..., como que era, como que foi o curso de enfermagem?

Ir.F.: O curso eu achei muito bom. Ainda era o início da escola, mais muito entusiasmo da parte dos dirigentes da escola; Dona Laís, com as suas auxiliares, o pessoal de secretaria, todo se interessava muito pelas alunas, pela formação das alunas, e modesta parte tinha muita satisfação de ter 3 ou 4 irmãs na escola, né.

V.: Na turma, né?

Ir.F.: Éramos nós , a primeira irmã foi a irmã Tiodinina, né, [possivelmente dito] que foi a fundadora e primeira diretora da Marillac. E eu também quando terminei o curso em 39 fui das primeiras professoras daqui da Carlos Chagas, aqui, da Santa Luíza.

V.: Luíza de Marillac.

Ir.F.: É...

G.: Quando, quando, a senhora formou em 39, a senhora veio para dirigir...

Ir.F.: Não, dirigir não, auxiliar.

G.: Auxiliar.

Ir.F.: É...é, era professora de (naquele tempo era...) Técnica de Enfermagem, História de Enfermagem, eu que dava, não me lembro a outra coisa, eram três matérias.

G.: Na escola Carlos Chagas, quando que a senhora retornou para a Carlos Chagas?

Ir.F.: Quando eu retornei, para a Carlos Chagas, (pausa), era... não me lembro bem.

G.: Então tá. Vamos, vamos, falar então um pouco de novo, sobre o tempo da senhora enquanto aluna na Carlos Chagas. A senhora falou que tinha...foi da primeira turma...

Ir.F.: Não, da primeira não; da segunda ou terceira turma. Da primeira turma foi a da irmã Nina, a minha foi da segunda ou terceira, né

G.: Onde que eram os estágios nessa época...?

Ir.F.: Lá no Hospital São Vicente. Só ,quando eu cheguei a maternidade era feita lá na...na Santa Casa; não tinha maternidade no São Vicente. Fazíamos obstetrícia lá. Era Dr. Lucas Machado, se eu não me engano, não Dr. Lucas Machado era da ginecologia. Era Ermínio Pinto, que era professor, por sinal inteligentíssimo. Ermínio Pinto era professor de obstetrícia. Nós fazíamos estágio lá.

G.: Na Santa Casa.

Ir.F.: Na Santa Casa, na Maternidade da Santa Casa.

G.: Como é que era o relacionamento da escola de enfermagem Carlos Chagas com a Hugo Werneck?

Ir.F.: Muito bom, muito bom

G.: Com as freiras de lá

Ir.F.: Com as freiras, é não só com as freiras, com as alunas

G.: Sim com as alunas também.

Ir.F.: As alunas eram muito camaradas. As alunas das duas escolas, né. Encontrávamos na praça Hugo Werneck, né, nas idas e vindas, né.

V.: Faziam os passeios ali...

Ir.F.: Não tinha dificuldade nenhuma.

G.: Não.

Ir.F.: Nem com as religiosas, nem com os professores, que não eram; uns trabalhavam na Santa Casa, e outros trabalhavam no São Vicente, né era muito bem entrosado. Não tinha dificuldade nenhuma. Nunca percebi nada.

G.: Na época da senhora, a senhora não lembra de nenhum desencontro, desavença, da diretoria...da escola com a Santa Casa?

Ir.F.: Não, nada Dona Laís era muito, muito... conceituada respeitada, por todos.

V.: Fala um pouco da Dona Laís para gente.

Ir.F.: Dona Laís era o tipo da, da... mulher completa, muito digna ,inteligente, preparada, muito compreensiva. Qualquer coisa que acontecesse com as alunas, se uma aluna procedesse mal, ela chamava aquilo ficava abafado; a gente sabia umas pelas outras, assim que as conversinhas com tantas historinhas, né.

V.: É.

Ir.F.: Mas não comentava-se nada, ninguém comentava. Se alguém quisesse comentar...Bastava ela olhar, e todo mundo abaixava a cabeça, não houve nada extraordinário, assim que chamasse atenção, coisa grave nunca, nunca...

V.: A senhora morava no internato?

Ir.F.: Não morava no hospital, com as irmãs.

V.: Ah, sim. A senhora lembra de alguma coisa do período do internato, da alunas...

Ir.F.:...nada de extraordinário, assim.

V.: E Waleska Paixão, como era a Waleska .

Ir.F.: A Waleska era toda santa né toda espiritual, muito piedosa; mas muito, muito... boa. Alias ela, é, lecionava, ela dava, ela fez a enfermagem, ela lecionava não sei o que na escola. Não me lembro o quê.

V.: Mas antes disso, enquanto aluna, a senhora formou junto com ela?

Ir.F.: É, era da minha turma Waleska, aluna, a Júnia Ir. Couto (inaudível)

V.: A, Waleska era freira?

Ir.F.: Não, não era não. Bom se ela era freira, era dessas congregações é, leigas né, que...mas era uma moça muito piedosa, muito formada, mas muito atualizada, né. Em tudo. Era muito atualizada. Tinha nada exagerado nem prá frente nem para trás.

V.: A senhora lembra de com é que funcionava o diretório acadêmico?

Ir.F.: Não tinha, não.

V.: Não tinha. A senhora não participava então da, da casa lá do internato, a senhora não ia lá

Ir.F.: Não, nós íamos lá, como aluna nos anos lá, pros festejos essas coisas assim, aniversários...

V.: Que festas que tinha. Conta as festas pra gente, como que era a... o, o dia a dia, a parte de festas do, do internato. Tinha algumas?

Ir.F.: Sempre muito bom, e sempre tinha uns lanches, umas...naquele tempo a gente não bebia nem água, nós nem bebíamos um copo d'água; só se tivesse morrendo.

V.: Risos...

Ir.F.: Fora da comunidade, né. Mas naquelas ocasiões a gente tomava o lanche lá. Tinha missas festivas, festas de aniversários etc...Sempre tinha algum algum ... teatrinho, qualquer coisa que as meninas faziam, né. E era muito bom. A gente passava o dia inteiro lá, né.

V.: Tinha um piano...

Ir.F.: Tinha piano, sabia tocar, eu era uma.(...) De vez em quando dava umas dancinhas lá, né.

Ir.F.: As meninas dançavam, mas tudo assim muito, muito familiar e muito amigo. Não tenho a mínima lembrança de desavenças, entre aluna nem professor, nem nada. Se alguém teve sua dificuldade todo mundo tem, né. Foi alguma coisa muito, muito pacífico. E eu, agradei muito quando terminei, mas tive saudade do tempo de, de

aluna da escola sempre ficamos muito amigas. Depois encontramos aqui, acolá uma a outra, né nos aniversários, e tudo. No aniversário aí não me lembro de quanto anos da nossa formatura. A Walesca estava aqui na, na Ana Neri, nós fomos lá nos festejos da, da formatura, do aniversário dela, e tudo. Enfim sempre me entrosei, depois eu me afastei, fui vindo. Afastei da enfermagem, trabalhei em vários lugares, em hospitais. Trabalhei em Belo Horizonte depois voltei para lá. Fui substituir a irmã Villac, aliás, eu não fui substituí a irmã Villac né, eu fui substituí-la como superior da casa. Não. Eu fui superior da casa, não me lembro se ela era superior da casa...(era sim), era superior da casa, e era diretora da escola Carlos Chagas. Aí, a escola ficou sem, eu cheguei e ficou sem, sem diretor da escola, né. Trabalhava na escola, se continua... o professor Lodi, então, falou com a ordem provincial que ele gostaria que a escola continuasse com diretora irmã, não é. Que facilitava muito a...os dois cargos, por causa dos estágios...e muita coisa que funcionava lá...inclusive a secretaria da escola, funcionava lá...no hospital; deu mais uma sala, porque aumentou o serviço. Deu mais uma sala do hospital, aí o administrador falou, se o senhor acha que ela pode...Perguntou se eu aceitava. Eu não aceitei, eu não pedi para ser Enfermeira, a senhora é que mandou...então... aceitou e eu fui nomeada diretora da escola. Assumi até...os mineiros me quebrarem a cabeça, né.

V.: Conta, quebrou a cabeça da senhora?

Ir.F.: É, pois é, fui acidentada, é fui acidentada fraturei o crânio; e vim me embora.

G.: A senhora lembra que período que foi, que a...senhora dirigiu a escola? Em que ano que foi?

Ir.F.: Foi de 43...

G: 53...

Ir.F.: 53 a 58, por aí assim.

V.: Seis, quando no lugar da irmã...Villac

Ir.F.: Que no lugar da Laís, eu fiquei no lugar da irmã Villac, né.

V.: É.

Ir.F.: Aliás, a minha nota...a minha conta é diferente da irmã (referindo-se à Ir. Emília Clarízia) A minha memória...

V.: A conta da senhora é quanto?

Ir.F.: A minha conta...(barulho de crianças), eu tenho, eu tenho na idéia; na minha memória que eu fui acidentada em 58...(vozes de adulto e crianças)

Ir.F.: Me lembro que nós íamos deixar no aeroporto a irmã Helena Figueiredo, prima do Kubitscheck que foi nomeada por conta da província que nos fomos; ela estava em Mariana nos íamos, fomos deixá-la no aeroporto, e a...você conheciam, a Coramina.

V.: Sim...a Coramina.

Ir.F.: A Coramina estava com defeito na porta. E eu com receio que acontecesse alguma coisa ali, já que sou mais velha e responsável deixa eu ficar aqui na porta. Lá se foi eu, e fomos embora. Ela foi na frente, com o irmão dela, a irmã, e não sei mais quem...E nós fomos na caminhonete. Chegou lá no aeroporto, eu não chegava, né. Não chegava a Coramina ah!, cadê as irmãs do São Vicente, e tal...Lá umas tantas a porta abriu e me jogou lá, né. Aí, eu fui com o crânio no meio fio, né. Quase fiquei lá né...daí não pude mais andar, né.

G.: A senhora...

Ir.F.: Isso foi em março, quando foi abril, em abril(inaudível) me trouxe.

G: Esse período que a senhora, assumiu a direção da escola; fala para gente como a senhora encontrou a escola Carlos Chagas. Quando a senhora foi prá lá?

Ir.F.: Eu encontrei...

G: Quais que eram as condições de funcionamento da escola?

Ir.F.: É, eu achei um progresso, né. Tinha progredido, da melhor, quer dizer: tinha mudado prá melhor do meu tempo, que era início ainda segunda ou terceira turma, né. Já estava muito mais, é, adiantado muito mais atualizado. As alunas mais enfrontadas na profissão; entravam com outro, com outro aspecto, com outro ideal não é...um ideal de enfermagem mesmo, de prestar serviço ao necessitado, e não de uma profissão rendosa e qualquer coisa assim...a gente sentia o entusiasmo das alunas, daí, isso, fui... como era enfermeira formada naquela escola, tinha ainda um, uma forcinha maior sobre ela, acho...que elas não tinham queixa de mim, né. Nunca tive problemas extraordinário com elas; só no momento que houve uma greve lá, dos estudantes, que algumas aderiram a greve e deu um cadinho de barulho lá, né. Teve que fazer um pouquinho de força, mais coisa extraordinária não aconteceu, não.

V.: Essa greve a senhora lembra e, quando que foi? E porque que foi?

Ir.F.: Eu não lembro mais não,(inaudível) os estudantes de medicina que começou, né e algumas alunas da escola aderiram, né. Mas não lembro porque foi. Deve ser esses motivozinhos, de professor nisso daquilo de falta de alguma coisa, né. Como acontece hoje né (risos).

V.: Era a mesma coisa? Em que essa alunas que aderiram, quais eram as atividades de greve que elas faziam que a senhora teve que...

Ir.F.: Eu não me lembro porque. Não me lembro porque.

V.: Que que a senhora fez assim de mais...

Ir.F.: Bom, eu conversando com o diretor, que era o doutor Lodi de muito boa memória, foi muito bom para nós, pra escola e pro nosso tempo lá. E, então ele...se eu não me engano, não me falhe a memória, ele... deu qualquer sentença lá, de atrasar qualquer coisa nos estudos na formatura, qualquer coisa assim. Eu sei que deu um, um castigozinho, né.

V.: Só prá que...

Ir.F.: Prá aquelas que aderissem, que aderissem...

V.: A greve.

Ir.F.: A greve. Como também fizeram para os estudantes né ? teve lá uma taxazinha (risos) para, prá reparar a greve. Mais não me lembro bem o que foi. Mais não houve nada de grave assim, aquelas revoltas aquelas coisas...

V.: A senhora lembra quais eram essas alunas...nome...

Ir.F.: Nenhuma.

V.: Nenhuma. A senhora lembra de alguma aluna em especial nesse período?

Ir.F.: Nesse período da, da... do meu, quando eu estava lá?

V.: Enquanto diretora?

Ir.F.: Bom, tem algumas ainda que de vez em quando me procuram, uma ou outra, mas não. não tem assim aquele lembrança especial nenhuma se tem, tem uma que acho que foi até diretora da escola de Goiânia... A Perciliana. Que foi a dona da...de nossos colégios de Mariana; foi do meu tempo, a Perciliana. Quem há mais...a, a tem uma turminha mais eu não me lembro muito bem não, muito bem não. Já estou com a memória começando a falhar, já fazem muitos anos, né. .Mas guardo uma lembrança muito boa da escola...que acho que ela continua bem, não é? É, sempre a notícia que

tenho, de vez em quando, o pessoal que vem de Belo Horizonte me dá notícia. Mas Não tenho nada, nem queixa da minha formação como enfermeira; gostei muito. Sempre gostei um bocadinho de enfermagem, mas nunca ninguém tinha me consultado se eu queria, né. Acharam que eu tinha, então, mandaram e eu gostei. Enquanto pude trabalhar como enfermeira, trabalhei até...até não poder mais. até que me mudaram de função que também eu não podia mais, também né.

V.: É...A senhora falou que é...a direção do hospital gostava de que a escola também fosse dirigida pelas freiras...

Ir.F.: É.

V.: A senhora se lembra quando a irmã, quando digo, quando a Walesca saiu da escola e entrou a irmã Villac a senhora tem alguma lembrança, alguma notícia desse período?

Ir.F.: Não, não.

V.: Porque foi a irmã (Villac), porque antes não eram freiras que dirigiam, a senhora lembra?

Ir.F.: Não, não sei porque. Eu sei que coincidiu que a irmã [Villac] estava chegando lá prá ser diretora do hospital, né. Não sei se foi, de quem foi a proposta. Eu sei que eu fui substituir a irmã (Villac), né; e aí o Dr.(Lodi) então, pediu. Ele gostaria que continuasse como era antes, que ele tinha gostado da, da transação da diretora. Seria mais fácil, né...se a mesma pessoa encaminhasse tudo no mesmo sistema, no mesmo espírito, né. Facilitava para as irmãs e para as alunas que já estavam acostumadas a trabalhar com as irmãs no hospital. Venceu foi por isso.

V.: Então a senhora assim, como diretora não teve dificuldades com a Faculdade de Medicina?

Ir.F.: Não, não tinha não (pássaros cantando ao fundo).

V.: Assim, para Escola de Enfermagem o que era necessário a senhora conseguia?

Ir.F.: Nunca faltou, nunca faltou

V.: A construção da escola, a senhora se lembra, do início?

Ir.F.: A construção da escola eu deixei o hospital (inaudível) quando saí, já estava projetada aquela construção...e o professor Lodi, Clóvis Salgado era diretor do hospital, né, e fazia parte da diretoria da faculdade também e facilitava. Ele era muito nosso amigo, muito amigo das irmãs também.

Ir.F.: De forma que facilitou muito, eles me pediram, eu dei minhas idéias...soltei lá no papel minhas idéias...e a, o que eu achava necessário, bom para Escola de Enfermagem, deixei lá meus palpites.

G.: A senhora se lembra de alguns desses palpites?

Ir.F.: Não me lembro não

V.: A iniciativa prá construção da escola então foi da Faculdade de Medicina no que a senhora se lembra?

Ir.F.: Bom, eu acho que foi um pouco nossa, né, nós da escola.

V.: Sim

Ir.F.: E a boa vontade do diretor da faculdade, né.

Ir.F.: (inaudível)A escola lá na Cruz Vermelha, já deixei lá.

G.: Unhum.

Ir.F.: Já deixei a escola lá. Inclusive a Jojoca.

V.: A Jojoca...

Ir.F.: Inclusive a Jojoca ainda foi da Cruz Vermelha.

V.: A senhora sabe onde que, como que, até quando a Jojoca ficou na escola?

Ir.F.: Não sei, eu deixei ela lá. Mas não sei, a Jojoca foi aluna daqui.

V.: Foi...

Ir.F.: Foi aluna daqui, depois foi demolida a casa, reformada, é, mas uma das vezes que ela veio aqui a sala de aula dela era o gabinete da visitadora, então (ela riu muito quando chegou: deixa eu abraçar estas paredes foi lá, abraçou a irmã(inaudível)que era a nossa visitadora abraçava as paredes beijava ,as paredes da sala de aula dela. Você conheceu a Jojoca? É um tipo de criatura muito engraçada...

V.: Só de nome.

Ir.F.: Muito engraçada.

V.: Ela era a...a responsável pelo internato?

Ir.F.: É pelo internato, é. Não sei se antes [havia]eu sei que, que...quando eu, eu cheguei lá eu não sei se foi a Walesca que me pediu ou a irmã Villac; eu sei que já duas irmãs dormiam no internato, quando eu cheguei lá em Belo Horizonte, duas irmãs dormiam no internato.

V.: Quem eram elas?

Ir.F.: Eu não me lembro. Duas irmãs do hospital.

V.: Ah, sim.

Ir.F.: Que...

G.: Porque elas dormiam no hospital?

Ir.F.: Prá não [espantar mais assunto] caráter de responsabilidade. Porque a Jojoca, já tava, né...

G.: Prá dar disciplina no internato?

Ir.F.: É, mais disciplina. E quando vieram pra Cruz Vermelha também, as irmãs ficavam internadas, então a cada mês duas irmãs estavam, tinha um quarto reservado para duas irmãs, cada mês duas ficavam, se reservavam no internato. Eu já deixei a Cruz Vermelha.

G.: As alunas tinham alguma preferência, por algumas das irmãs?

Ir.F.: Em geral gostavam muito das irmãs, as irmãs delas também; se ajudavam muito, muito umas as outras, né.

G.: Na época da senhora a escola desenvolvia algum trabalho na comunidade através de plantões, através de...

Ir.F.: Não, dávamos plantões na escola, né.

V.: Enquanto aluna, enquanto, quando a senhora era aluna?

Ir.F.: Enquanto eu era aluna dava. Plantão da escola no hospital. E eu dava da escola e dava da comunidade, né. Dava duas vezes, dois, dois.

G.: Plantão particular?

Ir.F.: Dois, nós dávamos. A cada noite tinha uma irmã de plantão; e nós tínhamos além do da escola, que era fichado... nós tínhamos o nosso, né. nosso da comunidade, como irmãs, mas fazíamos plantão.

V.: No hospital.

Ir.F.: Fazíamos plantão no hospital. A gente tinha sempre dois plantões.

V.: Não cansava muito?

Ir.F.: Bom, era jovem.

V.: A gente era jovem, né, era mais fácil?

Ir.F.: É. Mais depois, depois que eu fui prá lá, já formada que eu fui superiora do hospital, peguei muito 48 horas.

V.: Também.

Ir.F.: Peguei muito 48, porque faltava , e eu já não tinha coragem de pedir a irmã que tinha feito o seu, né. Aí (eu vinha aqui) não era velha naquele tempo, e pegava 48 horas.

V.: Como é que era fazer enfermagem naquele época irmã Fiúza?

Ir.F.: Como era o quê?

V.: Como é que era o dia a dia do, do enfermeiro no hospital?

Ir.F.: Era mais ou menos essa mesma época, esse mesmo sistema; pega o serviço de manhã, enquanto uns ,uns alternam os dias, outros trabalham só 8 horas, outros trabalham 6 horas, né. Mas sempre ,tem hospitais que trabalham por exemplo ,na cirurgia ,né; porque pegam os plantões extraordinários de cirurgia, então tem horário diferentes, então é mais ou menos a mesma coisa que hoje, né.

V.: Atividade com cliente, com paciente?

Ir.F.: É, tudo mais ou menos a mesma coisa né.(Palmas) Batendo os parabéns pros noivos.

V.: Casamento que está acontecendo na capela, né?(risos).

Ir.F.: Creio que é isso sim.

V.: Do tempo que a senhora era, era aluna, a senhora se lembra da imposição, da solenidade das imposições das insígnias?

Ir.F.: Tenho uma vaga idéia, uma vaga lembrança, né. Vaga lembrança aquele brochezinho as meninas botavam a toquinha, né, a toquinha tem até uns retratinhos delas, né. Nós só botávamos um negocinho aqui, porque tinha toquinha, já tínhamos a nossa toquinha.

G.: Colocavam um negócio no peito?

Ir.F.: É

G.: O que, o que significa isso? O que significava a imposição de insígnia?

Ir.F.: Mostrar que nós estávamos diferentes dos outros, nós tínhamos uma responsabilidade apontada a nossa farda, é como a farda dos soldados. Nós temos, somos responsáveis. Quem nos vê com o nosso, com o nosso distintivo de enfermeira nos respeita e confia, né. É uma história ,uma história da, da freirinha que tava a paisana e dois rapazes começaram a mexer com ela, ela chegou junto do guarda na esquina, "o senhor não está vendo esses rapazes mexerem comigo, eu sou religiosa?"

“Uai, a senhora é religiosa? Tava a paisana, né .E ela disse: “sou, e porque que a senhora veio me procurar?” “Porque o senhor não é guarda?” “Como é que a senhora sabe, que sou?” “Porque o senhor não está de uniforme?” “Então, porque que a senhora tirou o seu?”

V.: (Risos)

Ir.F.: É o caso cada um tem o seu mundo.

V.: É, ainda na época de a senhora de aluna ,a senhora não se lembra do Segundo Congresso Eucarístico, que foi lá em Belo Horizonte?

Ir.F.: O segundo...

V.: Congresso Eucarístico? Foi lá na escola, ainda?

Ir.F.: Não, não.

V.: Foi antes, a senhora não se lembra.

Ir.F.: Foi antes.

V.: Uma festa religiosa?

Ir.F.: Não, Congresso Eucarístico, eu tava lá; em Belo horizonte eu tava lá. As enfermeiras, as alunas todas participaram em uniforme de gala, né? Capa azul, etc e tal, né. Uma fila grande, tinha bastante aluna, tinha bastante aluna. É, três anos ,não é. Cada, cada ano tinha 10,12,8...

V.: Alunas...

Ir.F.: É, alunas, tinha um número bom. Ainda nós éramos a terceira turma, se eu não me engano, né. Era uma turma boa, de alunas.

V.: Como é que era origem dessas alunas, que escolhiam fazer enfermagem? A senhora se lembra?

Ir.F.: Olha, no meu tempo ,no meu tempo, nós éramos todas ...a minha turma éramos todas professoras e uma farmacêutica. A irmã Couto era farmacêutica, e a irmã Júnia que não tinha curso de professora, só tinha ginásio. Mas como era pequena, era toda, mais atualizadazinha, né mais (inaudível) mas a irmã Júnia era muito inteligente, né. Tanto que ela foi nomeada professora na terra dela, só com o ginásio; que ela entrou na comunidade, ela era professora na escola pública na terra dela, muito inteligente. Mas, depois eu recebi durante o tempo, que eu tava na escola; eu recebi muitas...muitas alunas, muitas moças preparadas, né. Eu me lembro, duas que fizeram,

não lembro quais são elas...que fizeram o vestibular de farmácia, e desistiram, e outras que assim, fizeram vestibular por aí a fora, né?

Ir.F.: Quer dizer moças que tinham um bom preparo, né

V.: Bom preparo, né. De boas famílias...

Ir.F.: Boas famílias, todas, todas muito...muito, foram bem colocadas naquele hospital; onde tem um hospital aqui, meu Deus, aqui perto. Em Volta Redonda-RJ, né que tem um hospital...é que tem umas três que vieram para cá, logo que formaram, vieram trabalhar aqui, em Volta Redonda num hospital...(Entrei também no IPASE), enfermeiras formadas no meu tempo... E, não me deram desgosto, não.

V.: No tempo a senhora era diretora também, as alunas chegavam mais ou menos preparadas?

Ir.F.: É, sempre tive uma turma muito boa, uma ou outra assim, que de vez em quando não passava no vestibular. Me lembro de uma turma, muito, muito pouco preparada... apesar dos diplominhas que tinham, né. (sons de canto). Eu fui dar o resultado para o professor Lodi, que tinham feito também o vestibular na Faculdade de Medicina, e ele disse assim: "Ah, se conforma, irmã Fiúza, se conforma...os nossos estudantes, nos contou essa aqui, prova de português, redação sobre o inverno. Um deles, naturalmente não passou...começou assim: O inverno, é um tempo "chovoso"...

V.: (Risos)...Não podia passar, né?

Ir.F.: Pois é. Então ele me consolou com a derrota da turma, era uma turma muito grande, só que não fez falta prá escola não né. Mas foi pena, porque vieram com tanto sacrifício coitadinhos... não passaram. Então, daí...

V.: A senhora se lembra do, do... jornalzinho do tempo da escola (Grêmio....)?

Ir. F.: Não me lembro não.

V.: Senhora lembra que existiam, (quem fazia o jornal, revista de enfermagem...)?

Ir.F.: Lembro não.

V.: Quando a senhora se formou, em...a senhora foi, a senhora lembra da formatura? Como foi?(música de cantos ao fundo)

Ir.F.: Lembro, mas não lembro onde foi.

V.: Onde que foi?

Ir.F.: É quando foi?

V.: A formatura?

Ir.F.: Em 39.

V.: Os detalhes a senhora não se lembra? A família da Waleska foi?

Ir.F.: Também não me lembro.

V.: Não. A senhora se lembra da relação da Waleska com a família dela, não?

Ir.F.: Não. Não me lembro não. (inaudível) Parece que moravam aqui em Petrópolis-RJ. Me lembro não.

V.: Aí a senhora formou e...

Ir.F.: Vim prá cá.

V.: Pró Rio?

Ir.F.: Fiquei aqui na Escola [Luíza de Marillac].

V.: Na Luíza de Marillac. Ficou aqui um tempo?

Ir.F.: Depois fui trabalhar no Rio Grande do Sul (inaudível) nos ambulatórios, sempre em enfermagem. Nos ambulatórios visitava os, os pacientes do (inaudível) perários, as famílias né. Depois eu fui prá São Paulo -SP hospital infantil da Cruz Vermelha, em São Paulo; de São Paulo fui prá Santa Casa de Fortaleza- CE e de lá eu voltei para o Hospital São Vicente, né. Foi 'daí que eu fiquei na Carlos Chagas, e acidentada vim prá cá e fiquei prestando serviço aqui e acolá.

V.: É, todos esses lugares que a senhora foi, foi...?

Ir.F.: Foi como enfermeira.

V.: Foi como enfermeira e...a congregação é que...

Ir.F.: É que dirigia as casas, né.

V.: E é que mandava? Definia?

Ir.F.: É. A irmandade da Santa Casa de Fortaleza toda vida... foi as irmãs, agora não está mais lá não. Belo Horizonte também, São Vicente, quase que nasceu com as irmãs, né.

V.: Irmã Fiúza, é...de um certo período 68, 67 por aí; as freiras saíram dos hospitais, da escolas?

Ir.F.: É saíram.

V.: O que que aconteceu? Porque?

Ir.F.: Não sei.

V.: Houve uma retirada, né?

Ir.F.: É, é.

V.: Todos os lugares?

Ir.F.: Não sei.

V.: Alguma coisa do, do Vaticano?

Ir.F.: Não, Vaticano[não tirou ninguém não] não sei houve qualquer coisa por aí. Como a Luíza de Marillac, até hoje eu não engoli.

V.: O que que aconteceu [com a Luíza de Marillac]?

Ir.F.: Não sei também, não sei como passou a Luíza de Marillac pros Padres Camilianos.

V.: Não é mais de vocês?

Ir.F.: Não.

V.: Com todo o esforço que teve pra fazer a escola...?

Ir.F.: É, com todo o esforço. Deixamos a escola bem, dentro da universidade; não sei, coisas que Deus permite.

G.: A senhora não sabe as razões humanas ,não?

Ir.F.: Deve ter sido um pouco humana também, mas nada acontece sem a permissão de Deus, né?

V.: E não, agora a Luíza de Marillac não tem nada a ver com vocês?

Ir.F.: Não. Tudo é deles, dos Camelianos.

V.: Dos Camelianos... não tem nenhuma irmã lá?

Ir.F.: Não. Logo quando eles tomaram conta ficou a irmã na secretária, só. Trabalhando na secretária, uma, duas ou três ficaram na secretaria. Depois elas também saíram.

V.: E prá onde elas foram, vocês foram, que eram da Luíza de Marillac?

Ir.F.: Bom, eu não, fiquei pouco tempo na Luíza de Marillac. No começo, né. No finzinho eu dei umas aulas extraordinárias, não sei o que, parece que o Ministério pediu uma língua na escolha dos alunos, e a turma que era ,que estava na altura da língua é, quase toda turma era fran...era irmã de caridade. Então elas pediram Francês que elas tinham pouco Francês, eu tinha mais que elas, então eu lecionei um ano

inteiro de Francês, lá ,nessa atualizada, já aqui nessa casa já nova, né. Mas fora disso...não sei de mais nada.

V.: A senhora foi a França?

Ir.F.: Fui.

V.: Pela congregação?

Ir.F.: Em 1950.

V.: Depois...

Ir.F.: Do ano Santo, foi no ano Santo.

V.: Unhm. Foi a festa.

Ir.F.: Foi no ano Santo, em 1950. Graças a Deus.

V.: E, mas no período da...da Guerra, da segunda Guerra, a senhora já era formada. A senhora se lembra como é que foi ser enfermeira na época da Guerra aqui no Brasil?

Ir.F.: Bom, nessa ocasião eu estava no RGS, trabalhando com os operários ,como enfermeira.

V.: Unhum.

Ir.F.: Não tinha nada extraordinário, não.

V.: Não né?

Ir.F.: Só apreensão do povo.

V.: Só apreensão do povo.

Ir.F.: Apreensão.

V.: Apreensão do povo.

Ir.F.: Inclusive, um velhinho polonês que morava em frente da nossa casa, ficou tão... abatido com a tomada da Polônia pelos nazistas, que morreu de paixão, e logo em seguida a velhinha também morreu.

V.: Unhum.

Ir.F.: Mas não tivemos nada de extraordinário, não.

V.: Envolvimento nenhum?

Ir.F.: Não, envolvimento nenhum. Continuava nossa vidinha escutando as reportagens tristes, né?

V.: No rádio?

Ir.F.: Da guerra.[Não teve mistério não]Quando eu fui em 1950,encontrei muitos rastros, da Guerra na Europa.

V.: Unhum.

Ir.F.: Desolante. Desoladora.

V.: E a revolução de 64?

Ir.F.: Em 64 eu tava aqui no Rio-RJ. Acho.

V.: Mas tava quente o tempo?

Ir.F.: Tava bom não, mas a gente confiava em Deus. E graças a Deus, graças a ele as coisas não foram piores.

V.: Se lembra de algum fato...que envolvesse a escola? alunos?

Ir.F.: Não.

V.: Vocês não tiveram nenhuma freira, religiosa; não tiveram nenhum problema com. a ditadura?

Ir.F.: Não. Coisa de se chamar a atenção, de se guardar, não tem não.

[FINAL LADO A]

LADO B

V.: Voltando, já que é irmã Fiuza, mas de alguma coisa a senhora se lembra do tempo de escola ?Como aluna ou como diretora?

Ir.F.: De extraordinário atenção, não.

V.: Alguma aluna, alguma professora que tenha sido significativo enfermeiro importante depois?

Ir.F.: Assim de repente não lembro não.

V.: A senhora voltou a Escola Carlos Chagas, depois que a senhora saiu com a cabeça quebrada? (risos)

Ir.F.: Não, eu passei em Belo Horizonte- MG, de madrugada, passei em frente o Hospital das Clínicas.

V.: Porque que a senhora não parou?

Ir.F.: Por que eu vinha de ônibus prá Brasília.

V.: Ahm, a senhora ficou muito chateada com a cabeça quebrada, e não voltou mais?

Ir.F.: Não, eu não podia trabalhar mais, né.

V.: Ahm, sim, depois que a senhora teve esse acidente a senhora não trabalhou mais?

Ir.F.: Não.

V.: Ah, trabalhou a senhora contou a história.

Ir.F.: É, é trabalhei sim mais eu fui justamente fazer um serviço de enfermagem. Fui substituir uma irmã, que vinha fazer retiro e era só duas na recuperação sala Kubitscheck; e prá outra não ficar sozinha, eu fui passar o tempo do retiro lá na sala Kubitscheck. (Vozes de crianças).

V.: Uhm.

Ir.F.: Com essa irmã, né. Que hoje está em Belo Horizonte -MG. Fiquei...Aí passei de madrugada, aí pras 2horas da madrugada, em frente o Hospital das Clínicas, disse assim: Se alguém que está de plantão soubesse que eu estava passando aqui, parava o ônibus.(Risos).

V.: Prá que que ia parar o ônibus?

Ir.F.: Assim que eu passei em Belo Horizonte. Agora na volta eu vim de avião, né.

V.: Anham, e nunca mais voltou a escola?

Ir.F.: Não, nunca mais voltei a Belo Horizonte -MG, passei por lá mais...

V.: O tempo que a senhora foi da...da, esteve em Belo Horizonte -MG, teve algum envolvimento da senhora com a Associação Brasileira de Enfermagem?

Ir.F.: Bom, tivemos qualquer coisa, congresso eu acho...

V.: 55 (1955). Mas, a senhora não foi, não trabalhava na ABEn nessa época?

Ir.F.: Não, nunca trabalhei na ABEn.

V.: Nunca foi da ABEn?

Ir.F.: Não.

V.: Porque?

Ir.F.: Não, nunca trabalhei na ABEn não.

V.: Não gostou?

Ir.F.: Não, não sei por que.

V.: Porque tem umas que começaram...a irmã Teresa por exemplo, ficou muito tempo na ABEn, né?

Ir.F.: A irmã Teresa é...é [dida] a ABEn.

V.: É...(risos). A [dida] a ABEn

Ir.F.: É, a irmã Teresa, é...ela tem umas, umas... coisas comigo, né. Nós temos coisas que aconteceram comigo, tudo dela é dez menos do que eu. Tem dez unidades menos do que eu, dez irmãs menos do que eu, né. Eu a conheci menina, né.

V.: Unhum.

Ir.F.: E, tem essa mais coincidência. Eu fiz enfermagem, ela depois veio e fez enfermagem.

V.: A mando da congregação...?

Ir.F.: É. Eu fui a...a Europa, ela foi a Europa. Eu fui acidentada em São Paulo -SP, ela foi esmagada pelo cofre lá do São Vicente, né.

V.: Unhum.

Ir.F.: E outras coisinhas miudinhas assim, interessantes, né. E agora ela passou mal; agora...passou uns dias hospitalizada aí.

V.: Foi...

Ir.F.: A principio, não sei explicar o que foi. Sei que ela passou mal, uma falta de ar umas coisas, né. Passou, depois ficou hospitalizada aqui durante a assembléia da província, né.

V.: Em Julho.

Ir.F.: É. E depois, ela passou uns dias em Niterói -RJ, mudar um pouquinho de ar, e foi embora.

V.: Ela continua lá na casa de...dos idosos?

Ir.F.: Continua lá. Tivemos juntas também na fundação, primeira casa da, das nossas irmãs em Belo...em Porto Alegre -RGS, ela foi uma das fundadoras comigo também, tem mais essa juntas, né.

V.: Irmã, a senhora falou no inicio que a senhora não escolheu ser, é...enfermeira; a congregação é que definia, que mandava?

Ir.F.: É.

V.: Como é que é ser freira hoje?

Ir.F.: Em que sentido?

V.: A congregação continua definindo as coisas?

Ir.F.: Bom, hoje a mentalidade é outra, né. A mentalidade mudou ultimamente pergunta: se você sente inclinação para essa profissão, se gostaria de fazer tal coisa, etc, e tal. Se a pessoa não tem jeito, não tem gosto prá aquilo, ninguém vai forçar, né. Antigamente as coisas eram mais...né.

V.: Unhum.

Ir.F.: Os meninos pequeninos com aquelas batinas compridas, coitadinhos, tropeçando nas batinas...umas coisas todas de seminário. Hoje tudo tem essa abertura maior, né.

V.: Unhum.

Ir.F.: Eu, como irmã auxiliar das 'noviças, eu cuidava das noviças quando adoeciam. Lá, naturalmente achavam que eu tinha jeito, né, de cuidar das noviças doentes, também não recusei não, se não der certo eu volto, né. Foi assim que a irmã (inaudível)me disse:" se você vê que não dá, você volta." Aí eu gostei e fiquei.

V.: Lá no tempo de aluna, a senhora tinha algumas estripulia, algumas brincadeiras?

Ir.F.: Eu?

V.: É. A senhora era assim, levada?

Ir.F.: Bom, na escola?

V.: É.

Ir.F.: Bom eu não [sou santo] não.

V.: (risos)

Ir.F.: Um triste santo é um santo triste, triste santo. Eu [soltei] tenho um gênio mais alegre.

V.: Alegre. Lembra de alguma coisa assim...?

Ir.F.: Tinha muita camaradagem com as colegas, né.

V.: Alguma coisa interessante, algum fato pitoresco da época?

Ir.F.: De repente eu não me lembro, não.

V.: Não, né. Mais alguma coisa? A senhora queria...ressaltar, de alguém?

Ir.F.: Deixo eu ver...é que a memória já está...

V.: (risos) A irmã Clarízia continua atualmente, mora aqui também, né?

Ir.F.: Mora aqui.

V.: Mas ela não...

Ir.F.: Bom, ela agora é só psicóloga, né.

V.: Vem pouco em casa?

Ir.F.: Bom ela tem um consultório, dela é lá na torre do santuário, né.

V.: Ah...

Ir.F.: É dentro de casa, né. Mas ela tem muito trabalho, tem muitos clientes. Os médicos em geral, mais de uma vez toca o telefone prá cá, precisando de um hospital, de uma ajuda dela lá no hospital. Duas, pelo menos duas vezes eu me lembro que eu atendi o telefone era perguntando por ela. E eu disse quem quer falar com ela? é o Dr. Fulano aqui do hospital o caso é assim...assim...assim...eu queria que ela visse, eu prefiro ela porque ela é ótima psicóloga, né.

V.: Ela...

Ir.F.: Mais de um médico já me falou isso, né.

V.: Ela continua muito severa?

Ir.F.: Não, severa não.

V.: Não, não porque ela falou que era muito severa enquanto diretora da escola, né?

Ir.F.: Oh, ela já pegou uma turma mais moderna, né.

V.: Foi mais difícil?

Ir.F.: É, talvez a, a juventude que entrou no tempo dela fosse mais; mas eu não tive dificuldade (nenhuma).

V.: A senhora não teve?

Ir.F.: É, eu gostava muito. Não sei se é por que eu fui formada lá na escola, já estava mais acostumada com o ambiente, né. E também já tinha estado lá em Minas Gerais, por causa de escola, já conhecia bem o ambiente, né.

V.: A senhora não estranhou, né?

Ir.F.: Não estranhei, não estranhei.

V.: A irmã ,diz que ela, estranhou um pouquinho?

Ir.F.: É.

V.: A irmã Rosa estranhou um pouquinho?

Ir.F.: Bom, talvez tenha estranhado, não sei. É outro estilo, né; outra pessoa, né. Cada pessoa é um caso.

V.: É um.

Ir.F.: É uma pessoa, é muito bom, muito bom, foi muito bom, muito [conscienzosa], muito boa irmã, piedosa, muito séria, sempre foi assim. Conheci ela novinha ainda, sempre foi assim. Isso aí .

V.: É isso aí,(risos), nós agradecemos muito a participação da senhora, muito obrigada.

Ir.F.: Eu gostei muito de ver minhas colegas...

V.: Gostou? Que bom.

Ir.F.: De profissão e de escola, né?

V.: Isso...Foi muito bom também .Obrigada irmã.

Ir.F.: Agora eu digo quando César Maia [atual prefeito do Rio de Janeiro] né, vocês não tão...termina a campanha dele o substituto dele lá, acabou os dois juntos...ele aperta a mão e diz assim: “Por isso eu voto contigo”. [risos] Eu voto Carlos Chagas.

V.: Unhum...

Ir.F.: Eu voto na minha escola, não esqueço da minha escola não. Sempre peço a Deus para abençoar e formar boas... enfermeiras.

V.: Isso...

[TÉRMINO DA ENTREVISTA]

Ficha Técnica

Data da Entrevista: 31 de agosto de 1995

Local: Residência da entrevistada - Rio de Janeiro/RJ

Número de Fitas: 01

Duração da Entrevista: 60 minutos

Entrevistadoras: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos